

# A ETNOMETODOLOGIA E O NOVO PROBLEMA COGNITIVO DA ORDEM

Debate ou Discussão em Teoria Social

GT 31 – Teoria Social Contemporânea

Thiago Santos da Silva<sup>1</sup>

## Resumo:

O presente artigo visa estabelecer uma contraposição entre o *corpus* teórico parsoniano, especificamente sua teoria geral da ação, e as contribuições críticas deste modelo legadas por Harold Garfinkel à teoria social contemporânea, através da etnometodologia, para pensar a questão referente à produção, manutenção e reajustes da ordem social.

**Palavras-chave:** Etnometodologia; Teoria Social; Ação Social;

## 1. Introdução

A teoria sociológica do início do século XX até os dias atuais, no que se trata de aspectos ligados à ação social, se desenvolveu em grande medida a partir do *corpus* teórico parsoniano, que se pretendia a uma “teoria de síntese” de Durkheim, Weber e Pareto, para pensar os aspectos referentes à estrutura/sistema social e ação social; projeto que como resultado estabeleceu o estrutural-funcionalismo como paradigma dominante na teoria social de língua inglesa; a riqueza na proliferação de teorias que tinham como centro de análise a ação individual ou coletiva, partiram, de forma geral, como continuação ou crítica dos estudos de Parsons (Heritage, 1999). Dentre as correntes teóricas que floresceram neste contexto, uma que oferece uma reformulação completa da teoria da ação parsoniana é a etnometodologia, desenvolvida por Harold Garfinkel na década de 1960 com marco a publicação de *Studies in Ethnometodology* (1967).

A etnometodologia é uma corrente teórica desenvolvida por Harold Garfinkel, que iniciou seus estudos em sociologia sob a tutela de Talcot Parsons na universidade de Havard, participando das pesquisas e da produção de parte das formulações de seu professor. Mas, esta proximidade forneceu ferramentas para a construção uma crítica contundente, somada à perspectivas teóricas que apontavam problemas entre as formulações de Parsons a realidade social, principalmente no que consiste em relação à subjetividade, racionalidade e ação social (Heritage, 1999). As duas correntes que exerceram grande influência e fundamentação em Garfinkel para o desenvolvimento da etnometodologia foram o pragmatismo norte americano, com George H. Mead, e a fenomenologia social, com Alfred Schutz. Deste ponto de partida, Garfinkel argumentará que o esquema de análise parsoniano não é confiável para entender o procedimento pelo qual os indivíduos agem, mas sim para entender as “disposições para agir”. Enquanto em Parsons os indivíduos agem de acordo com a estrutura social internalizada, a partir da elaboração da junção de Freud com Durkheim, quase que como “meros reprodutores” das estruturas sociais, garantindo a produção, adaptação e manutenção da ordem social; na etnometodologia, Garfinekel vai propor como premissa afirmação de que em cada contexto/grupo social os indivíduos têm métodos de interação e manutenção da ordem, sendo este processo altamente

---

<sup>1</sup> Thiago Santos é graduando em ciências sociais pela Universidade Federal de Pernambuco e membro do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais (PETCS).

reflexivo, formulado e reajustado a todo momento pelos indivíduos em interação e não como reprodução “dopada” da estrutura social.

## 2. A empresa parsoniana e suas três fases.

Uma das publicações mais influentes do século XX chama-se *A Estrutura da Ação Social* (1937), escrita por Talcott Parsons. Esta é a obra em que Parsons dá início ao seu *corpus* teórico, tendo como ponto de partida uma crítica ao pressuposto da teoria liberal clássica (por vezes também aparece como “utilitarismo”), de que se os sujeitos agirem de acordo com seus interesses individuais de forma “racional” – como consumidores no mercado em busca do melhor preço – haveria uma harmonização espontânea entre os interesses e nela estaria a base da ordem social, bem sintetizada na idéia de “mão-invisível” de Adam Smith (Alexander, 1992). Sendo assim, a partir daí as questões referentes ao problema da ordem e da ação tomam um lugar central na produção teórica de Parsons, questões essas que inclusive conduziram-no a desenvolver cada vez mais o seu esquema teórico; Parsons em sua autobiografia, de certa forma, aponta isto em sua trajetória ao dizer que “meu tema central será a evolução de uma contribuição para a análise teórica generalizada dos fenômenos da ação humana, com especial interesse por seus aspectos sociais – isto é, a teoria do sistema social”. A saber, a produção de Parsons é comumente dividida em três fases bem distintas<sup>2</sup>; apesar de que compõe uma sequência lógica, desde a argumentação que começa na questão da ação e da ordem social, e culmina em um esquema funcionalista “radical” que pretende predizer e explicar qualquer fenômeno social. Os três pontos serão expostos em seguida, de forma bastante sintetizada.

Através da análise de Domingues (2008) para tal exposição, ele mostra que em uma primeira fase, marcada pelo livro *A Estrutura da Ação Social* (1937), Parsons buscava fazer uma teoria geral, a partir de síntese teórica de clássicos como Durkheim, Weber, Marshall e Pareto, para explicar todos os tipos de fenômenos sociais e predizer a forma como os indivíduos agiriam em sociedade. Em Durkheim, Parsons tem influência do funcionalismo e do conceito de normas sociais para produção de ordem social, da idéia de que os indivíduos internalizam estruturas sociais em sua socialização, sendo ela um fato social, exterior e coercitivo; de Weber, ele toma o caráter “voluntarista” da ação social, na qual os próprios sujeitos emprestam sentido à ação; de Marshall ele recolhe indícios teóricos que darão suporte, em parte, à crítica ao utilitarismo; e de Pareto, ele toma a idéia de sistema, o qual só pode ser reduzido à suas partes de forma analítica; ainda somada à essa síntese, Parsons aproveita um elemento da teoria utilitarista que está criticando: o pressuposto de que existe “‘uma cadeia de fins-meios’, segundo a qual os sujeitos, comportando-se de modo racional com o intuito de atingir seus interesses, adéquam os últimos da melhor maneira possível aos primeiros (ou deveriam fazê-lo)” (DOMINGUES, 2008). Ainda nessa primeira fase, mais um elemento contra o utilitarismo é introduzido: o método chamado “realismo analítico”, que significa entender que os todos orgânicos só podem ser decomposto em partes apenas em operações analíticas, pois uma parte separada é apenas abstração: o núcleo do ato unidade (normas, fins e meios) só podem ser separados analiticamente, pois são indissociáveis na realidade.

A segunda fase, marcada pelos livro *O Sistema Social* (1951), é o momento do funcionalismo-estrutural, onde o empreendimento da primeira fase evidenciou que se fazia necessário um repertório de conceitos descritivos, além de desenvolver e mostrar a articulação entre as noções de sistema social, sistema cultura e sistema de personalidade. As formulações aqui presentes, abrangem tanto a influência e poder de síntese teórica maior (pragmatismo, funcionalismo sistêmico, antropologia cultural e até o

---

<sup>2</sup> Outros autores fazem uma divisão pouco mais elaboradas, chegando a indicar até mais fases dentro da produção de Parsons (ver PAIXÃO, A. L. 1989).

interacionismo simbólico<sup>3</sup>), quanto um espectro muito mais largo de questões dentro da teoria social, além da ação e da ordem social, aparece aqui uma discussão sobre processos de permanência e mudança social analisados dentro de uma perspectiva histórica. Também a interação social passa a ter uma centralidade fundamental, onde “ego e alter-ego acham-se frente a frente em ‘situações’ cuja definição depende deles mesmos; se a interação será bem-sucedida ou não, depende de como lidaram com a “dupla contingência” (DOMINGUES, 2008). É o momento em que Parsons formula uma divisão analítica da sociedade a partir dos sistema social, sistema cultural e sistema de personalidade<sup>4</sup>; onde o social tem por objetivo as condições compreendidas na interação entre pessoas humanas e reais, que constituem coletividades concretas determinantes da qualidade de membros, traduzindo valores gerais específicas do sistema cultural, onde a expectativa referente a *status* e papéis são definidas e que estas condicionassem a ação; o cultural tem como centro os “modelos” de significações, valores, normas, crenças; e o de personalidade, que é Parsons relaciona as normas sociais (Durkheim) como sendo internalizadas pelos indivíduos estruturando seu superego (Freud), assim influenciando a forma como os indivíduos escolheriam fins e meios, condicionando a ação. A integração entre estes sistemas tem como condição a correspondência entre expectativas, ocupação de *status* e desempenho de papéis (BIRNBAUM, 1977; DOMINGUES, 2008). A ordem social é resultado de um correspondência estreita entre estes sistemas, do contrário o resultado será *desvios* que produzirá, em alguma medida, uma perturbação da ordem.

A terceira fase é uma continuação das anteriores, entretanto é o ponto onde o funcionalismo e o formalismo é levado ao extremo, em que Parsons o esquema AGIL, que é a condição para o funcionamento e reprodução dos sistemas. Onde **A**, se refere á adaptação; **G** à realização metas; **I** à integração; **L** à latência. Como exemplo da aplicação desse modelo no sistema social, temos a economia responsável pela adaptação ao meio, a política pela realização de *metas*, a lei pela integração e cultura, pensada como valores compartilhados, pela latência. Os sistemas também passam a ter uma “hierarquia cibernética de controle”, em que os sistemas com maior dinâmica na base e subindo gradativamente de acordo o nível de informação e controle – da base para o topo: organismo comportamental, sistema de personalidade, sistema social e sistema cultural. Domingues aponta que o formalismo nessa fase era gritante, ao ponto de Parsons aplicar o esquema AGIL a qualquer fenômeno da realidade, social ou não, de forma que se foi levado em consideração agencia e atores anteriormente, agora essa discussão é ausente.

Um ponto que se destaca nessa fase de Parsons, é a extrema ausência de sua preocupações no que se refere à agência dos atores sociais e sua percepção da realidade social, onde eles são percebidos como um tipo de “reprodutores” dos sistemas sociais. Apesar dessa fase ter recebido um número substancial de críticas – proporcionando uma grande quantidade de novos caminhos – ela será retomada, reformulada e atualizada por vários autores<sup>5</sup>, entre eles destacam-se Jeffrey Alexander e Niklas Luhman.

### 3. A Etnometodologia.

A obra *Studies in Ethnometodology* (1967), de Harold Garfinkel, é o marco de inauguração de um novo projeto teórico que pretendia reformular questões chaves da teoria sociológica vigente,

<sup>3</sup> José Maurício Domingues (2008) atribui a não citação do interacionismo simbólico nas obras de Parsons, à questão da conjuntura de disputa por hegemonia entre os paradigmas estrutural-funcionalista e o interacionista. Pode-se ver também a referência à influência do interacionismo na obra de Parsons no artigo de Antonio Luiz Paixão (1989).

<sup>4</sup> Os sistemas cultural e de personalidade são trabalhados mais a fundo no livro, também de 1951, *Rumo a uma Teoria Geral da Ação*, escrito em parceria com Edward Shills

<sup>5</sup> Um texto interessante nesse aspecto é *A Teoria Parsoniana Hoje: a busca de uma nova síntese*, de Richard Münch (em Giddens & Turner, 1999)

relativas à teoria da ação social, racionalidade, organização social, intersubjetividade e construção social do conhecimento. Assim, como já dito, esta corrente se coloca como crítica dos pressupostos mais fundamentais do *corpus* teórico de Parsons – de quem Garfinkel foi aluno e pesquisador (Heritage, 1999). A etnometodologia tem como projeto compreender a atribuição de significados dentro dos grupos sociais, identificando que as práticas sociais têm uma racionalidade que só pode ser revelada mediante uma análise do contexto em que ocorre. As influências seminais são de correntes que estavam em uma perspectiva oposta ao estrutural-funcionalismo: a fenomenologia social, desenvolvida em grande medida por Alfred Schutz, e pragmatismo de George H. Mead. A análise do termo em si nos situa bem sobre o que Garfinkel pretende: o etno refere-se ao contexto/grupo, e método a forma como se procede a interação dentro deste grupo. A definição dada pelo próprio Garfinkel para o termo é bem clara quanto a isso:

*“Uso el término “etnometodología” para referirme a la investigación de las propiedades racionales de las expresiones contextuales y de otras acciones prácticas como logros contínuos y contingentes de las prácticas ingenuamente organizadas de la vida cotidiana.”* (Garfinkel, 2006, p.20).

Garfinkel irá se servir do pressuposto da fenomenologia social de que as pessoas se relacionam cotidianamente no mundo social, através de categorias e formulações que têm origem largamente social, via intersubjetividade; servem para os agentes guiarem suas ações, interpretar situações e intenções dos outros agentes. Onde para uma análise da realidade social se faz necessária uma investigação tanto no nível teórico quanto empírico (Heritage, 1999). A ideia de intersubjetividade e produção social do conhecimento passam a ser dois pontos caros à Garfinkel. Além de que a ênfase dada por Schutz à análise do conhecimento de senso comum e à experiência do dia-a-dia, como sendo a única forma de garantir que se está trabalhando em sobre aspectos de uma sociedade real, e não sobre um mundo ilusório. Schutz enumera algumas propriedades importantes do conhecimento do senso comum: [1] suspensão geral da dúvida, no mundo cotidiano os sujeitos não pensam o tempo todo sobre o que estão fazendo, e confiam nas experiências passadas como guia para as situações da vida; [2] os significados dos objetos naturais quanto sociais são o tempo todo construídos através de síntese de identificação; [3] os elementos do mundo social são constituídos através de uma estrutura de familiaridade e pré-convivência, fornecida por um “estoque de conhecimento à mão” de origem totalmente social; [4] o estoque de conhecimento é *tipificado*, constituindo o meio pelo qual o homem conhece o mundo; e [5] apesar de constituírem suas reservas de experiências de formas distintas, os sujeitos tratam suas experiências como “idênticas para todos os fins práticos”. (Heritage, 1999; Castro, 2012). Além da ideia de “por entre parêntesis” dado aspecto da realidade, analisando-o antes por suas próprias categorias de percepção da realidade que por tentar encaixar-los em uma série de condições teóricas.

A influência exercida pelo pragmatismo e do interacionismo simbólico<sup>6</sup>, representado por George Hebert Mead, está relacionada à ênfase dada ao sujeito como ator criativos no mundo social, a reflexividade, ao grande destaque dado a interação simbolicamente mediada, na qual a poder de interpretação dos símbolos é que será o guia da ação. Aqui, mesmo que as significações e normas sejam socialmente *estabelecidas*, há possibilidade de que em determinados contextos estas sejam alteradas no decorrer da interação, sempre através de um processo intersubjetivo de negociação de significados (Coulon, 1995).

---

<sup>6</sup> Esta visa advertir que alguns autores, como George Ritzer, afirmam que G. Mead é um teórico do pragmatismo norte americano, sendo um ponto complicado atribuir Mead à escolado interacionismo simbólico, pois o mesmo passou a ser encarado como tal a partir de interpretações de sua obra feitas por Hebert Blumer (Ritzer, 1993).

Apesar de ter sido, a princípio, vista como um meio para a negação da organização social ou até uma “sociologia do vale tudo” (Heritage, 1999); a síntese destas duas correntes teóricas deu condições para Garfinkel fazer uma análise da realidade social através de novas lentes, onde torna os atores sociais o centro da análise; mas que procurar normas que guiem a conduta dos atores, aqui tem-se o interesse de entender como os próprios interpretam e constituem essa norma, sendo a ordem produzida em interação.

#### **4. Ação e ordem social: contraposições.**

Uma das preocupações de Garfinkel ao desenvolver sua teoria, era a de relacionar a análise da ação social e a da produção do conhecimento de forma integrada. Expondo as falhas da uma análise motivacional da ação, substituindo-a por uma análise procedimental uma análise dos aspectos cognitivos de como os agentes sociais reconhecem, produzem e reproduzem ações sociais e estruturas sociais; Garfinkel alega que “as atividades pelas quais os indivíduos produzem e dirigem conjuntos de ocupações cotidianas são idênticas aos procedimentos dos membros para tornar esses conjuntos ‘explicáveis’”(apud Heritage,1999 p.324). Aqui está explícito o caráter etno, pois trata-se de uma análise contextual da ação e da compreensão dos atores sobre ela. Assim, a grande possibilidade que a etnometodologia abre para sociologia é a dimensão da contribuição dos indivíduos para a formulação da compreensão da realidade social, bem como as suas interpretações desta.

A teoria da ação social em Parsons, aponta Heritage(1999), têm duas preocupações fundamentais que giram em torno de como levar em consideração que os sujeitos estão sempre buscando atingi metas e como, ao mesmo tempo, pode-se fornecer o “problema da ordem” formulado por Hobbes. Como visto no início deste artigo, Parsons usou Durkheim e Freud na relação entre normas sociais e na internalização de um sistema de valores via supergo, que garantiria a partilha comum destes e fornecendo objetivos e expectativas amplamente compartilhados. O grande problema aqui, para Garfinkel, reside no fato de que Parsons toma como pressuposto que todos os sujeitos internalizam as normas e valores de uma mesma forma e não é relevante pensar qual o julgamento que os agentes fazem do mundo social e sobre como coordenam suas ações. Assim, Parsons formulou mais uma teoria das disposições para agir que uma teoria da ação, pois é de extrema importância uma conceitualização do conhecimento que os sujeitos têm de suas circunstâncias e do sentido de seus atos, para uma análise genuína da ação social (Heritage, 1999).

Em Parsons, apesar da falta de ênfase dada ao conhecimento dos sujeitos sobre suas ações, essa questão aparece no que diz respeito a discussão sobre racionalidade: os agentes fazem uma ação racional à medida que sua ação corresponde ao conhecimento científico (Parsons *apud* Heritage,1999), no caso da explicação do agente para sua ação não corresponder a explicação científica, a ação é considerada como não-racional e deve ser omitida em favor da manutenção do modelo explicativo causal das condutas dos agentes. Por não levar em consideração que os agentes possam desenvolver de fato um mecanismo racional, diferente da racionalidade científica, Garfinkel vai cunhar uma expressão que se tornou famosa de que no esquema parsoniano os agentes têm o “juízo dopado” em termos de discernimento (Heritage,1999), pois essa dimensão da atribuição de sentido do agente para suas ações é totalmente desprezível dentro deste sistema de análise. Garfinkel acrescenta que existem níveis de racionalidade e que as ações nunca são completamente racionais, pois trazem consigo conseqüências possíveis que não podem ser previstas pelos atores; então, não faz sentido impor à ação social uma análise estritamente o padrão da racionalidade científica, pois este é inclusive um fator que turva a análise da ação social na prática cotidiana de fato; em seu lugar é colocado o estudo sistemático de como os sujeitos escolhem, avaliam os resultados de suas ações, que de fato ele emprega. Estabelecendo um novo programa para a investigação sociológica: o estudo das propriedades de raciocínio prático do senso comum nas situações cotidianas de ação.

Para superar essa questão, fica manifesta a influencia de Schutz no que se refere ao método analítico de “por ente parênteses”, onde quem analise determinado contexto social não deve ter nenhum compromisso prévio com versões privilegiadas da estrutura social – aí está a “indiferença metodológica”: que implica em se livrar de pressuposições que afetem em algum nível a análise da ação prática, tornando o analista o mais imparcial possível –, em favor de analisar como os sujeitos criam, produzem e reproduzem as estruturas sociais para as quais se orientam (Heritage,1999). Um ponto importante também, dentre os conceitos desenvolvidos por Garfinkel, vale a pena para essa análise ressaltar o de indicialidade, que remete a algo que traz o “indício de” “sentido” de ações práticas e normas dentro dos grupos, pois trata-se de uma análise contextual da ação e da compreensão dos atores sobre ela, sempre remetendo a essa indicialidade; fortemente ligadas à questões da lingüística, onde entender a linguagem pela qual os sujeitos criam e reproduzem normas ao tempo todo neste contexto é o forma pela qual se pode entender a produção da ordem no curso da interação – como exemplo poderíamos pensar as gírias usadas por pequenos grupos; ou, questões mais “sofisticadas” como a linguagem utilizada pelos enólogos. Este conceito mostra como é inconciliável tal empreendimento com o formalismo do esquema parsoniano, onde os atores não criam ou reajustam uma ordem social através da agência, mas reproduzem os sistemas aos quais internalizaram, de forma quase que determinante de suas ações.

## **5. Breves considerações finais.**

Ao decorrer deste texto, entre outras questões, foi exposto como a produção teórica de Parsons passou de preocupações estritamente relacionadas à ação e ordem social, para os sistemas sociais em um paradigma estrutural-funcionalista, chegando ao ponto de se tornar uma teoria extremamente formalista que pretendia explicar todas os aspectos da vida social através de uma esquema geral (AGIL), onde a desaparecem de suas preocupações teóricas a agência, o julgamento dos atores sobre suas ações em detrimento da imposição de uma racionalidade científica, culminando por ser uma teoria produzida, de certa forma, para analisar uma sociedade inexistente na realidade.

Garfinkel conseguiu estruturar uma teoria crítica deste paradigma de tal forma que se torna uma vertente teórica que não podemos considerar como continuação da teoria da ação parsoniana, mas sim como uma das correntes teóricas que põe em cheque suas premissas mais fundamentais, propondo todo um novo problema cognitivo da ordem. Garfinkel, dirá que entender como “os homens, isolados mas simultaneamente em estranha comunhão, empreendem a tarefa de construir, testar, manter, alterar, validar, questionar e definir uma ordem juntos” (*apud* Heritage, 1999) , é a chave para abandonar a teoria da ação de Parsons e sua extrema rejeição à subjetividade dos indivíduos em favor da predominância de elementos estruturais na análise da ação social como também toda sorte de tentativa de abarcar a realidade social partindo de uma concepção teórica fechada, na qual o mundo social deve se enquadrar nela para que seja considerado como válido.

## **Bibliografia**

- Alexander, J.(1992) *Las Teorias Sociológicas Desde La Segunda Guerra Mundial: Análisis mutidimensional*. Barcelona, Espana. Editorial Gedisa.
- Coulon, A. (1995). *A Etnometodologia*. Petrópolis, Vozes.
- Domingues, J. M. (2008) *Teorias Sociológicas no Século XX* (3ª. Ed.) Rio de Janeiro, BR, Civilização Brasileira
- Garfinkel, H. (2006). *Estudios en Etnometodología*. España .Anthropos Editorial.
- Heritage, J. (1999) *Etnometodologia*. Em Giddens, A & Turner, J. *Teoria Social Hoje*. São Paulo, SP, Editora UNESP.
- Münch, R. (1999). *A Teoria Parsoniana Hoje: a busca de uma nova síntese*. Em Giddens, A & Turner, J. *Teoria Social Hoje*. São Paulo, SP, Editora UNESP.
- Paixão, A. L. (1989). *A Teoria Geral da Ação e a Arte da Controvérsia*. Em Revista Brasileira de Ciências. Sociais, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 34-56.
- Parons, T.(2010). *A Estrutura da Ação Social*. Petropoliz, Vozes, 5ª Ed.
- Ritzer, G. (1993). *Teoría Sociológica Contemporanea*. Aravaca, Madrid. McGraw-Hill/INTERAMERICANA DE ESPAÑA.